Autoconhecimento e autenticação do terapeuta como meio para assegurar a excelência no atendimento de consultoria de autenticação[1]

Luzia A. de C. M. Longo[2]
Prof. Dr. Tarcisio Meneghetti[3]

Resumo

Este trabalho teve o objetivo de verificar as correlações entre autoconhecimento e autenticação do terapeuta como meio para assegurar a excelência no atendimento de consultoria de autenticação. Para isso, foi utilizado o método de pesquisa exploratória, com abordagem qualitativa e a coleta de dados primários, obtidos em entrevistas individuais abertas e com roteiro semiestruturado, envolvendo três profissionais consultores de autenticação. Os resultados evidenciaram o quanto o autoconhecimento e a autenticação do próprio terapeuta são imprescindíveis para a excelência da consultoria de autenticação para os clientes. Por meio de diversos exemplos as pessoas entrevistadas compartilharam como se preparam momento a momento com foco no seu escopo, destacando a importância do constante estudo, do *training* de autenticação ao longo da vida e do estilo de vida condizente com a escolha profissional. A contínua metanoia também foi apontada como fator de amadurecimento do terapeuta, considerando que cada situação, cliente ou fase da vida demandam modos mentais, comportamentos diversos e uma multiplicidade de experiências que um psicoterapeuta precisa ter para poder compreender um cliente.
Palavras-chave: Autoconhecimento, Método Ontopsicológico, Consultoria de Autenticação.

Abstract

This study aimed to verify the correlations between self-knowledge and authentication of the therapist as a means to ensure excellence in authentication consulting. For this, the exploratory research method was used, with qualitative approach and the collection of primary data, obtained in open individual interviews and with semi-structured script, involving three professional authentication consultants. The results showed how the self-knowledge and authentication of the therapist himself are essential for the excellence of authentication consulting for clients. Through several examples, the interviewed shared how they are preparing moment by moment focusing on their scope, highlighting the importance of constant study, lifelong authentication training and lifestyle consistent with professional choice. The continuous *metanoia* was also pointed out as a factor of maturation of the therapist, considering that each situation, client or phase of life require mental modes, diverse behaviors and a multiplicity of experiences that a psychotherapist needs to have in order to understand a client.

Keywords: Self-knowledge, Ontopsychological Method, Authentication Consulting.

Introdução

A busca pelo autoconhecimento tem feito parte da vida da humanidade desde sempre, a exemplo do famoso lema "Conhece-te a ti mesmo" anexado no Templo de Delfos desde 650 a.C. e repetido a cada período histórico como algo sempre atual. Inúmeros métodos foram e são apresentados para que se percorra a jornada de autoconhecimento e muitos deles propõem a

[1] Vale ressaltar que, ao longo do texto, os autores referenciados utilizam os termos “consultoria de autenticação”, “psicoterapia ontopsicológica”, “psicoterapia de autenticação” e “ontoterapia” como sinônimos.
[2] Acadêmica da Especialização em Ontopsicologia, psicóloga, consultora.
[3] Docente da Antonio Meneghetti Faculdade, Doutor em Direito.

atuação de um técnico ou um terapeuta que possa apoiar cada pessoa nesse percurso.

Este estudo teve como objetivo geral *verificar as correlações entre autoconhecimento e autenticação do terapeuta como meio para a excelência da consultoria de autenticação*, um dos instrumentos de intervenção do Método Ontopsicológico. Os objetivos específicos foram: evidenciar a correlação entre autoconhecimento e autenticação do terapeuta e o impacto deste ao processo do cliente, identificar evidências que demonstrem como o autoconhecimento e a autenticação contribuem para a atuação profissional do terapeuta, e oferecer contribuições para o aprimoramento da atuação de ontoterapeutas.

O primeiro tópico aborda a **Fundamentação teórica**, destacando os temas "O autoconhecimento e a autenticação do terapeuta" e "Considerações sobre o método ontopsicológico e a consultoria de autenticação". O segundo consiste na apresentação da **Metodologia**, destacando que o tipo de pesquisa utilizada foi a exploratória, com abordagem qualitativa e a coleta de dados primários, obtidos em entrevistas individuais abertas e com roteiro semiestruturado, envolvendo três profissionais consultores de autenticação. Em seguida, serão apresentados os **Resultados**, destacando os relatos das pessoas entrevistadas e as respectivas análises. Por último, são apresentadas as **Considerações Finais**.

1 Fundamentação teórica

1.1 O autoconhecimento e a autenticação do terapeuta

Desde sempre, o humano tenta responder questões existenciais como "quem sou", "de onde vim", "para onde vou" por meio de explicações simbólicas, externas a si mesmo, usando narrativas, mitos ou hipóteses científicas focadas no mundo externo. O excesso da busca por conhecer o que está "fora de si" fez com que deixasse em segundo plano o "conhecimento de si". Com isso, deixou de responder ao famoso lema "Conhece-te a ti mesmo", anexado no Templo de Delfos desde 650 a.C.

Autoconhecimento ou conhecimento de si diz respeito ao "saber objetivo" que se pode adquirir sobre si mesmo. (ABBAGNANO, 2007)

Mas, como se dá esse saber objetivo sobre si?

Maslow (2012), em sua obra "Toward a psychology of being", destaca em um dos capítulos "a necessidade de saber e o medo do conhecimento", paradoxo que explica citando a descoberta de Freud de que existe um medo de "conhecermo-nos a nós mesmos" (nossas emoções, impulsos, recordações, capacidades, potencialidades, nosso próprio destino) e que tal medo é causa de muitas doenças de cunho psicológico. Segundo Freud (apud MASLOW, 2012), esse tipo de medo, proveniente da busca por uma imagem ideal, significa uma forma de proteção à nossa autoestima e ao respeito por nós mesmos, sendo um receio de descobrir aspectos desagradáveis e de nos sentirmos inferiores, fracos, maus etc.

Se por um lado o ser humano esquiva-se do autoconhecimento por medo dessa descoberta "negativa" de si mesmo, segundo Maslow (2012, p. 57 - Kindle), há a tendência de furtar-se também de sua melhor parte, de seu "desenvolvimento pessoal":

> E então nós encontramos outro tipo de resistência, uma negação de nosso melhor, de nossos talentos, de nossos mais refinados impulsos, de nossas mais altas potencialidades, da nossa criatividade. Em síntese, essa é a luta contra a nossa própria grandeza, o medo de ser arrogante. [...] Assim, descobrir em si mesmo um grande talento certamente pode trazer alegria, mas também traz um medo dos perigos e responsabilidades, e deveres de ser um líder e de estar sozinho. [tradução nossa[4]] (2012, p. 57 - Kindle)

Meneghetti (2012, p.29) acrescenta que a jornada de autoconhecimento leva à "autenticação" da pessoa que, segundo a Ontopsicologia, significa colocar-se como se é, ou seja:

> Conformar o Eu lógico-histórico à intencionalidade do Em Si ôntico. Capacidade de desenvolver-se segundo a própria intrínseca virtualidade. O Eu lógico-histórico deve ser correspondente ao quanto previsto pelo desenho operativo da natureza naquele sujeito. Portanto, deve existir a coincidência com a virtualidade ôntica, a qual deve ter a sua história correspondente. "Autêntico" significa: ser igual a como o projeto individual prevê.

Meneghetti entende "Eu lógico-histórico" como o "Eu responsável agente" ou "Eu voluntarístico pensante", capaz de "mediar o real externo segundo a exigência individual do íntimo", sendo esse íntimo, seu "Em Si ôntico", compreendido como o "projeto-base de natureza que constitui o ser humano" ou o "critério-base da identidade do indivíduo, seja como pessoa, seja como relação". (MENEGHETTI, 2012, p. 29)

> O Em Si ôntico é o projeto que a natureza entende no homem: tudo o que é conforme e igual a esse projeto é vida, é saúde, satisfação, crescimento, realização, visão metafísica. Qualquer coisa que não é igual a esse projeto é dor, mediocridade, estereótipo, doença, incerteza e dúvida.

Se para os indivíduos, em geral, ingressar na jornada de autoconhecimento e de busca pela autenticação pode ser uma escolha, para o terapeuta, este processo é condição *sine qua non* para sua atuação profissional. Segundo Meneghetti (2005, p.213):

> Diferentemente de todas as outras ciências, a psicoterapia não tem nenhum instrumento fora da inteira personalidade do psicoterapeuta. Essa é uma grande responsabilidade, porque a sua personalidade é o único instrumento de confronto, de diálogo, de crítica: ele é um técnico no revelar a existência de um outro e o único instrumento de verificação é a sua existência organísmica.

A leitura da "existência organísmica" de que fala o autor se refere à capacidade de colher o outro para além do que é verbalizado, por meio da consciência sobre as variações organísmicas. "Organísmico" se refere à "unitária tomada de consciência em ato orgânico", a consciência de ser "Eu" em cada parte do corpo. (MENEGHETTI, 2018)

---

[4] And so we find another kind of resistance, a denying of our best side, of our talents, of our finest impulses, of our highest potentialities, of our creativeness. In brief, this is the struggle against our own greatness, the fear of *hubris*. [...] Thus to discover in oneself a great talent can certainly bring exhilaration but it also brings a fear of the dangers and responsibilities and duties of being a leader and of being all alone. ["Toward a psychology of being" de Abraham Maslow, 2012, texto original]

A palavra hubris, destacada em itálico no texto, do grego, significa excesso, ardor excessivo, impetuosidade, violência, ultraje, orgulho excessivo, arrogância, insolência, soberba (in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, https://dicionario.priberam.org/h%C3%BAbris [consultado em 30-01-2022].

O autor é categórico ao afirmar que:

> Para entender a ciência da vida é inútil aplicar a própria mentalidade; não se pode fazer ciência de autêntica psicologia (A ciência é possível somente se o homem se usa por como é. Como faz uma mente a operar quando é sobreposta por tantos estereótipos?). Os clientes não precisam dos nossos defeitos, do nosso modo de pensar, das nossas tradições, das nossas certezas, das nossas ideologias. O cliente precisa da sua vida, e paga a vocês, justamente para ter a sua vida. (MENEGHETTI, 2005, p.213).

Para tanto, Meneghetti (2005) reforça 3 fatores fundamentais para um verdadeiro terapeuta. O primeiro deles seria "uma sensibilidade e uma atitude natural à curiosidade em direção aos outros", considerando essa curiosidade um "conhecimento com amor", um genuíno interesse em conhecer os humanos porque os ama. O segundo fator se refere a um "alto nível de preparação técnica", que envolve conhecimento universitário, especializações e o conhecimento de diversas culturas que facilitem a relativização de valores culturais. Por último, o autor ressalta o que chamou de "santidade" que significa "ter um comportamento de vida que constitui a exatidão da função organísmica", ou seja, ser exato para que possa ler o outro com exatidão. Segundo o autor, essa exatidão é alcançada por meio de um estilo de vida que considere uma "ordem moral" - "ordem de calma e beleza" (proporção do comportamento e da inteligência), "ordem no comportamento privado e sexual" e "autonomia ordenada no campo econômico".

> O psicoterapeuta é uma pessoa que escolheu não somente viver bem, mas provocar e criar o bem. Para fazer isso, deve continuamente rever e *autocorrigir a própria posição* em avanço contínuo, segundo as circunstâncias que a norma do cotidiano dá e condiciona. (MENEGHETTI, 2005, p.215).

Ao assumir esse compromisso, o terapeuta precisa ter a consciência de que "é um diverso, é um profissional de vida e de sucesso que deve ensinar a arte da criação no interior da vida do sujeito". Mesmo que aparentemente viva como todos, "interiormente deve ser diverso de todos", gerindo cada estereótipo - conduta, hábito, modo mental comum a uma sociedade ou a um grupo - "com elegância e maestria", relativizando-os sem se perder dentro deles. (MENEGHETTI, 2005)

Para tanto, além dos fatores mencionados anteriormente, é necessário que ele se coloque em processo constante de preparação que implica, segundo Meneghetti (2010, p.285): "a) intuição natural, b) estudo e cultura quase ilimitada (atualização contínua da técnica), c) caráter amadurecido pela vida, sempre aberto a metabolizar o novo (experiência contínua)".

A partir de sua própria autenticação, o terapeuta "conduz o cliente a perceber a própria presença até a raiz da interioridade de si mesmo". (MENEGHETTI, 2010)

1.2 Considerações sobre o método ontopsicológico e a consultoria de autenticação

O Método Ontopsicológico, tem como fim "autenticar e desenvolver o homem criativo". (MENEGHETTI, 2010)

Parte do arcabouço teórico-prático da Ontopsicologia, ciência interdisciplinar e epistêmica "que tem por objeto de estudo a análise da atividade psíquica" em primeira atualidade (o princípio, o fundamento primeiro da atividade psíquica) e que visa ao nexo

ontológico, que significa reestabelecer o nexo entre o "Eu" do sujeito – aquele "Eu lógico-histórico", agente, pensante – e seu projeto-base de natureza, o critério de identidade. Dentro dessa proposta, a Ontopsicologia oferece como uma das aplicações a Consultoria de autenticação ou Ontoterapia.

Se, para algumas linhas teóricas, a psicoterapia tem como ponto de chegada a cura de patologias, para a consultoria de autenticação, o escopo é a "autenticação", a revisão da "exatidão do instrumento mental" do indivíduo, com vistas à criatividade e a "fazer o gênio a partir do potencial de natureza". (MENEGHETTI, 2011)

Existe a fase de cura, mas esta é somente uma passagem para o escopo principal: a autenticação do indivíduo, a "reintegração ou conscientização do original natural em antecipação a todo aculturamento sucessivo não congruente". Como "fim secundário" está o "desaparecimento do sintoma", a cura psíquica e somática como consequência da mudança comportamental no "campo decisional ou moral do sujeito". (MENEGHETTI, 2012)

> [...] A verdadeira psicoterapia não se refere ao doente. Nasce de uma virtualidade da alma, portanto é uma potencialização da inteligência. Trata-se de objetivar e qualificar em níveis avançados o próprio dom de natureza. (MENEGHETTI, 2010, p.292)

A autenticação requer a revisão das referências, modelos de comportamento, estereótipos aos quais o indivíduo foi "forçado" a habituar-se a seguir ou valorizar, e que geram uma coação à repetição, sem que este tenha consciência do porquê de seus atos. Funcionam como *"scripts"* dos quais o sujeito precisa desfazer-se ou aprender a relativizá-los a fim de acessar seu projeto de natureza. (MENEGHETTI, 2011)

O terapeuta precisa compreender se aquele sujeito é função para si por meio da verificação dos seguintes aspectos: a "identidade do ser" (quem é), a "identidade de ação" (o que faz) e a "identidade de fim" (porque o faz). (MENEGHETTI, 2005)

Em algumas sessões, verifica-se a sua funcionalidade utilizando os instrumentos de análise e diagnose ontopsicológica: a anamnese linguística e biografia histórica (como o sujeito se coloca e interpreta a si mesmo), a análise do sintoma ou problema, a análise fisiognômica-cinésico-proxêmica (linguagem do corpo), a análise onírica (leitura do sonho como "informação categórica que a natureza do sujeito expõe"), a análise semântica (leitura do campo semântico, da mensagem ou imagem predominante subjacente às linguagens linguística, cinésico e proxêmica) e o resultado (verificação sobre a funcionalidade de como o cliente está impostando a própria vida). (MENEGHETTI, 2010)

> O escopo real de toda ontoterapia é ensinar como ter o Eu lógico-histórico funcional, como é feito e como se deve fazê-lo, portanto, como podemos formá-lo a cada momento. Uma vez que se estruturou de modo autêntico, este Eu psicológico tem a capacidade e o poder de ser verdadeiro, seja quando executa ações existenciais, seja quando constrói ciência. (MENEGHETTI, 2011, p.30)

Voltando ao terapeuta, se decide ser grande, necessita fazer constante "metanoia" – "mudança da mente" ou "uma reorganização *in progress* de todos os modelos mentais e comportamentais para adaptá-los à função do Em Si ôntico". (MENEGHETTI, 2005)

2 Metodologia

Considerando os objetivos propostos, para a pesquisa foi utilizado o método *qualitativo exploratório* e a *análise comparativa*, considerando duas perspectivas: procedimento de escuta (auto-observação do pesquisador) e análise por eixos temáticos (categorias teórico-empíricas).

A abordagem foi *qualitativa*, com a coleta aprofundada de *dados primários*, envolvendo *3 profissionais consultores de autenticação* com formação em Psicologia.

Foram aplicadas *entrevistas abertas* e com *roteiro semiestruturado*, explorando aspectos definidos para o tema em questão, ao mesmo tempo em que permitiram a liberdade de expressão para as entrevistadas. As entrevistas foram gravadas e transcritas, com autorização das entrevistadas.

As entrevistas abordaram os seguintes aspectos: histórico de sua relação e atuação com a Ontopsicologia; avanços que notou em sua carreira que tenham sido em decorrência do *training* de autenticação; momentos, no setting terapêutico, em que considera que teve dificuldades em "ver o cliente" e sua compreensão sobre o porquê dessas dificuldades; casos de resultados positivos e negativos do processo de consultoria com os clientes e a relação com sua atuação como terapeuta; estereótipos que precisou relativizar ao longo de sua vivência profissional.

3 Resultados e Discussão

3.1 Resultados

A pesquisa foi realizada com *3 profissionais consultores em Ontopsicologia de autenticação*, todas graduadas em Psicologia e com vivência em atendimento clínico anterior ao conhecimento da Ontopsicologia.

Embora todas tenham relatado ter conhecido a Ontopsicologia em momentos históricos diversos, todas destacaram pontos comuns no modo como aquele contato as tocou. As falas abaixo ilustram essa questão:

> *"Os primeiros livros tinham uma tradução estranha. Mesmo assim, eu lia e sentia algo vivo. Uma obra viva. Não era letra morta." (E1)*
> *"Então, eu disse: 'aqui tem algo a mais!" (E1)*
> *"[...] ele escreveu a palavra amor. E o modo como ele falava, eu senti que ali tinha algo diferente. (E2)*
> *"Eu, na verdade, não sei se foi esse momento que eu conheci ou eu me dei conta que existia um conhecimento que me tocava." (E2)*
> *"[...] Gostei muito das aulas dele, me apaixonei!" (E3)*
> *"[...] quando eu vi a primeira vez o professor Meneghetti dando uma palestra, eu fiquei paralisada. (E3)*
> *"[...]ele conseguiu de uma forma tão simples chegar no ponto. Após estudar [outros autores], como eu não me dei conta duma coisa tão simples, tão óbvia?" (E3)*

Os relatos destacam que o contato com a Ontopsicologia provocou nas pessoas

entrevistadas certa curiosidade em compreender o que aquele conhecimento trazia, o que tinha de diferente, por que tocava ou paralisava, mesmo mostrando, de maneira simples, o óbvio. E tudo isso, parece que provocou a busca pelo autoconhecimento, haja vista que, após o primeiro impacto, todas as pessoas entrevistadas relataram iniciar um processo de psicoterapia, *training* de autenticação, estudos constantes e supervisão com ontoterapeutas ou com o próprio Prof. Antonio Meneghetti.

Mas, em que medida, o processo de autoconhecimento e autenticação das pessoas entrevistadas impactou na excelência dos atendimentos em consultoria de autenticação?

As entrevistas aprofundaram aspectos sobre a correlação entre o autoconhecimento e autenticação do terapeuta e a excelência nos atendimentos das consultorias realizadas. Tais aspectos serão apresentados por meio de Eixos Temáticos e suas respectivas categorias teórico-empíricas, os quais serão apresentados na sequência:

TABELA 1 – EIXOS TEMÁTICOS E CATEGORIAS DE ANÁLISE

EIXOS TEMÁTICOS	CATEGORIAS TEÓRICO-EMPÍRICAS
A. Avanços percebidos na atuação em sua carreira decorrentes do training de autenticação e impactos para o cliente.	A.1 Avanços percebidos a partir do início do training de autenticação
	A2. Impactos do próprio processo de autoconhecimento e autenticação para o processo do cliente
B. Dificuldade de "ver o cliente"	B.1 Situações vivenciadas e compreensão sobre si diante de tais situações
C. Resultados positivos e negativos do processo do cliente e relação com a atuação do terapeuta.	C1. Casos positivos e negativos, seus efeitos, pontos compreendidos sobre si por parte do terapeuta
D. Estereótipos que precisou relativizar ao longo de sua vivência profissional	D1. Relativização dos estereótipos do próprio terapeuta

FONTE: Elaborado pela autora (2022)

A. Avanços percebidos na atuação em sua carreira decorrentes do training de autenticação e impactos para o cliente.

A.1 Avanços percebidos a partir do início do training de autenticação

Ao serem questionadas sobre os avanços percebidos em sua atuação profissional a partir do início do *training* de autenticação, as pessoas entrevistadas destacaram benefícios como: maior <u>clareza durante o atendimento</u> [clareza de onde está o paciente, leitura menos difusa, critério para direcionamento]; maior <u>compreensão sobre aspectos de si</u> que não haviam sido esclarecidos por outras abordagens; conhecimento sobre <u>novos conceitos ou perspectivas</u> [descoberta do campo semântico, leitura dos sonhos sob outra perspectiva] e caminhos para seu <u>desenvolvimento e aprofundamento teórico-técnico</u>.

As falas abaixo ilustram esse tópico:

"Uma forma mentis mais operativa, mais diretiva, muito maior clareza de onde está o paciente momento ao momento. Isso é um discernimento claríssimo que é belo, que é belo atuar nisso porque tu enxerga o lugar. A minha diagnose, obviamente, era completamente difusa assim como todas as abordagens." (E1)
"Então desde a primeira entrevista com o professor, ele pontuou que eu tinha que estudar campo

semântico porque eu tinha uma sensibilidade muito grande e não sabia onde encontrar a resposta pra isso porque nenhuma teoria me dava essa passagem." (E2)
"O conhecimento das três descobertas para mim foi um achado que possibilitou a compreensão do humano que até então nenhuma teoria me dava. Eu percebia determinadas coisas, orientava os clientes por um determinado caminho, mas não tinha certeza porque não tinha uma teoria que pudesse dar esse respaldo. Mas, eu vi que ali tinha uma questão que precisava conduzir. Quando eu comecei a aprender de fato qual era o critério, por onde eu vou [...]" (E2)
"Quando eu conheci a Ontopsicologia foi uma mudança radical. Quando vi a primeira vez o professor M. dando uma palestra, fiquei paralisada. [...] Fiz uma entrevista com ele e foi muito interessante porque eu tinha alguns sonhos muito estranhos que quando contava aos psicoterapeutas da linha clássica, me olhavam e me taxavam imediatamente como esquizofrênica. [...] Fui contar esses sonhos pra ele [...] e me deu um alívio quando ele me explicou. Ele foi muito prático comigo. Ali foi uma virada incrível porque eu comecei a entender o que eram os sonhos, os tipos de sonhos. Aí entendi que a linha [outra linha teórica] não saberia, jamais, teria me dado uma saída tão simples e tão óbvia de como evitar aquele tipo de interferência." (E3)

Os relatos reforçam a importância da jornada de autoconhecimento, seja para aprimorar o olhar do terapeuta [conforme expressa E1], para conhecer o melhor de si - seus talentos, recursos e potencialidades [como o exemplo de E2] -, e até mesmo para aprender a lidar com os aspectos que limitam o sujeito a viver seu máximo potencial [como o exemplo apontado por E3].

Outro ponto que se destaca refere-se à percepção de que a Ontopsicologia trouxe uma novidade tanto para a vida como para a atuação profissional, a exemplo dos relatos: "[...] eu comecei a aprender de fato qual era o critério [...]" (como expressa E2) ou "[...] foi uma virada incrível porque eu comecei a entender o que eram os sonhos [...]" (conforme aponta E3).

A.2 Impactos do próprio processo de autoconhecimento e autenticação para o processo do cliente

A jornada de autoconhecimento e de desenvolvimento do terapeuta precisa ser contínua e impacta diretamente no processo do cliente. Quanto mais o terapeuta avança nessa jornada, maior é a compreensão sobre si e, consequentemente, o entendimento sobre o cliente e sobre a mais funcional para seu processo. Segundo as pessoas entrevistadas, destacam-se aspectos como: a importância do *training* de autenticação aliado ao estudo contínuo, o entendimento de que quanto maior a compreensão de si, maior é o entendimento sobre o cliente, e a importância da contínua metanoia, haja vista que, se a vida é continuamente mutável, não se pode usar a mesma experiência, modelo mental ou de comportamento que servia em outra situação ou fase da vida.

As falas abaixo ilustram esses pontos:

"A autenticação é fundamental, mas o estudo contínuo também. Com as duas coisas juntas, a melhora no processo de diagnose se amplia, [...] tu tem muito mais condições de leitura do campo semântico. (E1)
"Quanto mais eu fui compreendendo minhas coisas, mais eu fui compreendendo a relação com o cliente." (E2)
"Quando você muda de idade [...] tem que mudar, tudo tem que mudar, tem que mudar tua mente.

Tudo mudou: o teu corpo mudou, o teu modo de ver as coisas, o paladar, tudo mudou. [...] É contínua a metanoia e a mudança que nós temos que fazer [...] é um processo interminável porque a vida é continuamente mutável. Você muda continuamente e, portanto, você não pode usar nem a tua experiência, nem o modelo de comportamento, o modelo mental que você tinha." (E3)

Como reforçado anteriormente, a jornada de autoconhecimento precisa ser contínua. Na medida em que, diante de cada momento e de cada cliente uma nova situação se apresenta, o terapeuta tem a necessidade de contínua metanoia – mudança da mente -, não sendo possível usar as mesmas experiências e o mesmo modelo mental diante de novas situações, conforme expressa E3. Como já apontava Heráclito de Éfeso (apud ABAGNANNO, 2007, p. 508): "não é possível entrar duas vezes no mesmo rio, nem tocar duas vezes uma substância mortal no mesmo estado; graças à velocidade do movimento, tudo se dispersa e se recompõe novamente, tudo vem e vai."

Tendo como base a premissa de que a vida é mutável a cada momento, o terapeuta precisa, portanto, estar em processo contínuo de revisão de sua consciência e de mudança de sua mente, a fim de que as memórias, as fantasias e os estereótipos não impactem em seu olhar sobre a realidade imediata do cliente.

B. Dificuldade de "ver o cliente"

B.1 Situações vivenciadas e compreensão sobre si diante de tais situações

Partindo da hipótese de que a personalidade do terapeuta é seu único instrumento de trabalho, as pessoas entrevistadas foram questionadas sobre as dificuldades de "ver o cliente" e a correlação com seu processo de autoconhecimento.

As entrevistas evidenciam que essa correlação é direta e o terapeuta precisa se colocar em disponibilidade para ver e rever seus "pontos-cegos", a fim de que possa atuar de maneira assertiva e efetiva.

As falas abaixo ilustram esses pontos:

"[...] já aconteceu, com certeza a gente não vê. Ver partes, mas não perceber outras. Eu tenho um exemplo de uma antecipação. A pessoa não estava pronta pra ouvir e eu antecipei o fato. Precisaria, talvez, de mais sessões pra colocar o aspecto. [...] Entendi claramente que (o meu ponto) é o querer dar a resposta. [...] Queria ajudar muito a pessoa. [...] E a pessoa precisa de muito mais tempo pra ver uma coisa que é muito óbvia do seu Em si, da sua força, da sua capacidade, daquilo que precisaria abrir mão, mudar. O meu erro, ele se dá nessa condição [...]. Esse é um ponto que eu sempre preciso ter muita atenção."(E1)
"[...] eu passei por todo esse processo em que o professor (Antonio Meneghetti) vinha para o Brasil, reunia o grupo de psicoterapeutas que ele formava e fazia essa supervisão conosco, [...] onde nós trazíamos os sonhos dos clientes e, através do sonho dos clientes ele trabalhava a questão do cliente e a tua ao mesmo tempo. [...]Eu lembro de uma coisa muito comum era o professor dizer pra mim (e que me irritava bastante) [...]: 'Como você é ingênua! O cliente está mentindo e você não está vendo'. Assim, com o professor aprendi muito a não acreditar no cliente. Você às vezes não entende o que é isso, porque o cliente mesmo não quer ser entendido."(E3)

"[...] Uma pessoa que tem o complexo ativo dentro dela não vai ver o cliente. Ela não vê."(E3)

Diversos aspectos impactam no olhar do terapeuta para o cliente. Existem memórias, fantasias, estereótipos que podem influenciar na leitura sobre a realidade do cliente. A entrevistada E1 cita um exemplo de "antecipação", ou seja, um caso em que antecipa uma informação para o cliente em um momento em que este não estava preparado. Neste caso, imediatamente após, o terapeuta dá-se conta de que, naquele momento, não "viu" o cliente.

Vale ressaltar que nem sempre isso acontece, haja vista os aspectos inconscientes, muitos deles bastante profundos, que também influenciam a leitura do terapeuta. Uma das entrevistadas (E3), por exemplo, menciona o "complexo ativo" que segundo a Ontopsicologia, trata-se de uma fixação de energia (somática e psíquica) que age de maneira autônoma ao eu consciente e em antecipação à sua atividade lógica. Deste modo, tal fixado funciona como uma lente que se antecipa à visão do terapeuta, ora distorcendo seu olhar, ora criando "pontos cegos". (MENEGHETTI, 2012)

C. Resultados positivos e negativos do processo do cliente e relação com a atuação do terapeuta.

C1. Casos positivos e negativos, seus efeitos, pontos compreendidos sobre si por parte do terapeuta

Ao serem questionadas sobre casos positivos e negativos na consultoria de autenticação e o entendimento que tiveram sobre quais foram os fatores de sucesso ou insucesso nos respectivos atendimentos, as pessoas entrevistadas destacaram aspectos como: <u>percepção organísmica</u>; <u>disponibilidade do cliente</u> (abertura para acolher as diretivas do terapeuta); <u>clareza do escopo</u> (relação profissional *versus* relação pessoal); <u>reconhecimento sobre os limites</u> daquele atendimento <u>pelo nível de maturidade do próprio terapeuta</u> (diversidade de experiências e amadurecimento relacionado à própria idade); <u>responsabilidade do terapeuta de se perceber apto ou inapto</u> para aquele atendimento naquele momento (escolha de não atender ao cliente quando se percebe fora do seu centro); <u>seriedade do terapeuta com a escolha realizada</u> (santidade).

As falas abaixo exemplificam essa questão:

"Uma paciente empresária, acho que na segunda sessão, ela vivia numa situação conjugal muito ruim, teve um episódio de violência doméstica e na hora me ocorreu que ela deveria sair imediatamente de casa e foi o que ela fez. E o resultado foi magnífico na vida dela porque ela conseguiu romper com uma relação de nove anos que era extremamente nociva, mas que ela não via. [Qual foi a tua referência para dar a diretiva?] Percepção organísmica, do perigo, do risco eminente, de sentir, de percebe, enfim, campo semântico. [...] Minha precisão de pontuar situação e de dar a diretiva e ela seguir, porque estava aberta. [...] Então, o resultado foi excelente [...]." (E1)

"Eu fiz consultorias em empresas também. Quando me chamaram, teve uma ocasião em que [uma

pessoa conhecida] me chamou, porque sabia do problema na empresa. Eram dois irmãos e duas irmãs[...]. Aí[...] eu disse pra ela assim: 'olha, posso ir, mas eu vou levar uma colega comigo porque você me conhece, sua família sabe que você me conhece [...]. Então, fiz o trabalho com essa condição [...]."(E2)
"[Desde o] começo da minha profissão, pra mim era bem claro isso: essa pessoa me procurou porque eu preciso resolver isso. E, gradativamente, eu fui compreendendo. [...] Eu sempre fui uma pessoa que trabalhei muito com jovens, com mulheres. E eu tenho observado que de uns tempos pra cá, além dos jovens e das mulheres, têm me procurado muitos homens numa fase da vida, [...] resolvendo suas coisas de um modo diferente e compreendendo as coisas de outro modo." (E2)
"Quanto mais eu fui compreendendo as minhas coisas, mais eu fui compreendendo a relação com o cliente."(E2)
"[...] se um dia eu não estava me sentindo bem por alguma razão, [...] eu, ou ligava pros clientes desmarcando, ou informava de algum modo e eles me ligavam e desmarcavam. [...] Teve períodos em que eu tinha muitas aulas e muito trabalho na universidade [...] chega uma hora em que o cansaço físico é grande, né? Naquele período, ficava um tempo sem atender [...]." (E2)
"[...] envolve a sensibilidade, o preparo da técnica, [...] saber o que é o meu, [...] voltar sempre pra dentro da "minha casa". Então, pequenas coisas que a gente faz pra por a ordem. [...] Preparar-se para estar bem para o cliente." (E2)

"Eu diria que eu posso ter um limite amanhã, não sei como vai ser minha vida. Amanhã eu posso ter uma experiência que eu não tive ainda e que pode determinar o meu limite pra fazer psicoterapia pra um cliente [...]."(E3)
"E isso leva anos, sabe? [...] Eu lembro quando ele [Prof. Antonio Meneghetti] dizia pra mim: 'depois dos sessenta, você vai ser uma grande psicoterapeuta. Até lá, você tem muito o que aprender, experienciar a vida"(E3)
"É assim até porque, quando eu vejo que eu estou num estado em que eu não estou bem, eu procuro evitar de atender o cliente, porque eu sei que eu não vou ajudar. Agora, isso só faz quem é muito sério. A maioria dos psicoterapeutas, infelizmente, não tem essa responsabilidade que a ontopsicologia coloca no psicoterapeuta. É um sacerdócio, como dizia o professor [...]." (E3)
"Nós, psicoterapeutas, como diz o professor, temos que ter uma vida santa. É santo no sentido de que você tem que estar sempre e continuamente em contato com a unidade que é o Ser. E o ser não é homem, mulher, não tem idade." (E3)

O resultado de uma intervenção virá a partir do encontro entre terapeuta e cliente. Segundo Accorsi (2019, p. 93):

> [...] Se como ontoterapeuta pretende-se o diálogo com o outro, deve-se ter um conhecimento da dinâmica do inconsciente. Inconsciente que faz realidade no outro, mas também no próprio psicoterapeuta. Dessa forma, enquanto se dedica ao estudo do outro, deve-se ter o olho em si mesmo [...]. [...] A estrada do ontoterapeuta é horizonte aberto de aprendizagem na direção do melhor de si, que ao final é também, o melhor ao outro.

Partindo do melhor de si para que possa oferecer o melhor ao outro requer que o terapeuta percorra uma jornada séria de autoconhecimento e de autenticação, assegurando-se de alguns fatores que aparecem nos relatos de E1, E2 e E3 e que corroboram o que aponta Meneghetti (2005) ao oferecer um passo a passo para a formação do ontoterapeuta.

Para o autor, o profissional precisa ter, primeiramente, uma sensibilidade e uma atitude natural à curiosidade, ou seja, um conhecimento com amor em direção aos outros.

Precisa ter, também, um alto nível de preparação técnica incluindo um conhecimento universitário, algumas especializações e um conhecimento de diversas culturas, para que consiga relativizar valores culturais em seus atendimentos.

Junto a esses fatores, o terapeuta precisa ter o que o autor chama de santidade, que quer dizer ter um comportamento de vida que assegure a exatidão da função organísmica, ou seja, a consciência de ser "Eu" em cada parte do corpo, para que possa ser exato e ler o outro com exatidão. E, para que isso aconteça, é necessário que o terapeuta tenha um estilo de vida que garanta uma ordem moral – de calma, de beleza -, uma ordem no seu comportamento privado e sexual e uma autonomia ordenada no campo econômico.

Ressaltando o que relatou E3, ser um grande terapeuta requer, além dos fatores acima apontados, um amadurecimento conquistado ao longo da vida e a partir do "aprender e experienciar a vida" de maneira séria e responsável.

D. Estereótipos que precisou relativizar ao longo de sua vivência profissional.

D1. Relativização dos estereótipos do próprio terapeuta

Outro aspecto que foi abordado durante as entrevistas refere-se aos estereótipos com os quais o terapeuta se depara ao longo de seus atendimentos, como percebe e como relativiza tais estereótipos. Como resultado, as pessoas entrevistadas trouxeram pontos relacionados a estereótipos sob perspectivas social e psicológica.

As falas a seguir ilustram essa questão:

"[...] um exemplo que eu acho que é também bem interessante. Não sou muito favorável, acho 'meio nada a ver' o tal do crossfit. Eu tenho uma paciente, que começou ano passado e ela é toda perfeitinha, extremamente contida e o crossfit pra vida dela eu apoio muito porque faz toda a diferença. É um estereótipo meu que são assim extremamente às vezes são agressivas, [...] muito do exibicionismo [...]. A pessoa fica lá exibindo o corpo. E pra ela eu apoio muito porque é uma quebra de paradigmas dentro dela." (E1)
"[...] Eu me puxo um pouco nisso quando eu atendo mais adolescente, jovem que tem um pouco de fissura por algum tipo de jogo, por algum tipo de série, isso eu vou olhar pra ver um pouco e até orientar. Me lembro de uma de uma paciente que eu tive que olhar uma série que nunca mais olhei na vida - me fez um mal imenso - e ela vivia dentro dessa série. Uma situação bem difícil. [...] E ela se alimentava daquilo." (E1)

"[...] o professor [Antonio Meneghetti] sugeria pra eu, por exemplo, conhecer todas as religiões, participar de todas as igrejas porque através disso eu saberia, depois, falar a linguagem do cliente." (E3)
"[...] são os anos de experiência que vão te dando. E é óbvio que se você, por exemplo, tem trinta anos e recebe um cliente de sessenta, oitenta é difícil de compreender como ele vive, como ele é, porque você não viveu aquela dimensão." (E3)
"[...] como é que eu trabalho os jovens de uma forma neutra se eu não aceito a minha idade?"(E3)
"Um dos estereótipos chave da mulher é o sexo, é o erotismo. No homem é mais a agressividade, na mulher mais o erotismo. A gente sabe que o monitor manipula dois instintos: agressividade e erotismo. [...] Então, a primeira coisa que nós mulheres como psicoterapeutas temos que fazer é

superar todos os preconceitos, todos os pré-juízos que nós temos em nível do erotismo. [Professor Antonio Meneghetti] me sugeriu [...] assistir o programa de uma mulher que [...] respondia perguntas sobre sexo abertamente. E o professor dizia: assiste esse programa um ano, todo dia, [...] e eu quero que você saiba lidar com o erotismo ou com o sexo, falar do sexo como aquela mulher fala. Aquela mulher falava de sexo como fala desse controle aqui – 'controle tem essa pecinha, tem essa'. Não tinha moral, não tinha julgamento, [...] saber falar a linguagem do erotismo, falar de vagina, de pênis, púbis, todas as palavras naturalmente, como quem fala do controle. Porque se eu não faço isso, eu crio um superego no cliente. E eu reforço o complexo dele, [...] a vergonha dele. Quando o cliente vê que eu falo naturalmente [...] se tranquiliza. (E3)

"[...] conhecer todas as crenças, as religiões, as ideologias que um cliente pode usar e ter para formar aquela barreira, que depois aparece como algo intelectual, mas que por trás está o complexo que administra. Também aquela ideologia, aquela religião. Porque o complexo antecipa tudo. O Eu é nada perto do complexo." (E3)

"[...]Uma pessoa (terapeuta) que tem o complexo ativo dentro dela não vai ver o cliente. [...] Se você superou já essa questão de ter o complexo ativo, fez a metanoia básica do teu complexo e você sabe administrar isso, tem também as fases da vida, a experiência, as metanoias que você tem que fazer em outras dimensões, não é só do complexo. [...] É a metanoia dos estereótipos, a metanoia social, a metanoia do que você aprendeu como verdade, das teorias. (E3)

"[...] existe a metanoia, a mudança do complexo que é óbvio que qualquer psicoterapeuta tem que fazer, mas existem também as metanoias contínuas da vida [...]. Do processo de amadurecimento, do passar dos anos, da multiplicidade de experiências que um psicoterapeuta precisa ter pra poder compreender um cliente." (E3)

"[...] Eu diria que você tem que [...] saber fazer 'epoché'. Esse é o ponto que o professor [Antonio Meneghetti] me ensinou e que eu acho que é a maior dificuldade de um psicoterapeuta: é fazer 'epoché'. Esquece tudo o que você aprendeu e ouve o cliente. E através do campo semântico, contata ele, ouve quem ele é." (E3)

"Então, eu diria que pra ser um grande psicoterapeuta realmente tem que ser de uma certa idade. [...] Eu vejo até porque eu conheci o professor [quando ele tinha] quarenta e poucos anos, era muito jovem. E eu vi o quanto ele mudou. [...] Com o tempo, ele foi se distanciando, se destacando, ele foi também aprimorando o método dele." (E3)

Vale contextualizar que o conceito de estereótipo vem sendo utilizado nos estudos em ciências humanas e sociais desde 1922. Lippmann (apud Baccega, 1998, p.8) foi um jornalista estadunidense que usou este termo pela primeira vez sob uma perspectiva social em seu livro "Opinião pública" em 1922 para argumentar que, quando nos aproximamos da realidade, "não vemos primeiro para depois definir, mas primeiro definimos e depois vemos". Segundo o autor, os estereótipos são "os tipos aceitos, os padrões correntes, as versões padronizadas", que nos fazem ver a realidade de um modo "pré-construído".

Para Meneghetti (2017, p. 49), o estereótipo também se refere a um modo "pré-construído", mas aprofunda destacando que se trata de "um hábito que investe todo o comportamento do indivíduo, dando a tipologia, o modo, em um certo sentido, criando também a personalidade do sujeito". E, de acordo com o autor, não significa que o sujeito não possa usar ou viver os estereótipos, mas que isso deve ser feito de maneira relativa, de acordo com o contexto espaço-temporal vivido por ele.

Diante disso, torna-se imprescindível ao terapeuta a tomada de consciência dos impactos dos seus próprios estereótipos, o que muitos deles geram no seu modo de ser, ver e viver, e assim, possa relativizá-los. A partir dessa compreensão é que consegue ajudar o cliente em seu percurso de cura e autenticação.

É preciso fazer o que Edmund Husserl (apud VIDOR, 2013, p.11) denominou “epoché” (conforme aponta E3), termo grego que significa “interromper, suspender o juízo de tudo”, colocando “entre parêntesis” suas convicções, de modo a colher as situações como novidade, sem preconceitos.

> Entender a psicoterapia não é um fato cultural, nem intelectivo, nem ideológico, nem político. A psicoterapia primeiro se faz, depois se compreende.
> Para fazer psicoterapia, antes de tudo é necessário criar uma suspensão total de qualquer juízo. É preciso deter-se, ter a capacidade de autossuspender-se, exatamente porque não é um fato cultural, mas autenticação, cura da alma. (MENEGHETTI, 2015, p. 91)

Em síntese, por meio das entrevistas foi possível evidenciar o quanto o autoconhecimento e a autenticação do próprio terapeuta são imprescindíveis para assegurar a excelência no atendimento de consultoria de autenticação para os clientes. Por meio de diversos exemplos as pessoas entrevistadas compartilharam como se preparam, momento a momento, com foco no seu escopo. Destacam-se: o constante estudo, o *training* de autenticação ao longo da vida e o estilo de vida condizente com a escolha profissional.

Outro ponto destacado se refere à “contínua metanoia”, fator de amadurecimento do terapeuta, pois cada situação, cada cliente ou fase da vida demandam modos mentais, comportamentos diversos e uma “multiplicidade de experiências que um psicoterapeuta precisa ter pra poder compreender um cliente” (conforme destaca E3).

4 Considerações finais

Este estudo teve como objetivo geral *verificar as correlações entre autoconhecimento e autenticação do terapeuta como meio para assegurar a excelência no atendimento de consultoria de autenticação*. Os objetivos específicos foram: evidenciar a correlação entre autoconhecimento e autenticação do terapeuta e o impacto deste ao processo do cliente, identificar evidências que demonstrem como o autoconhecimento e a autenticação contribuem para a atuação profissional do terapeuta, e oferecer contribuições para o aprimoramento da atuação de ontoterapeutas.

Os resultados reforçam a teoria de que o primeiro passo para a excelência da consultoria de autenticação é a clareza do terapeuta sobre seu escopo profissional e as implicações e responsabilidades atreladas a essa escolha profissional. A necessidade de, continuamente, “*autocorrigir a própria posição* em avanço contínuo”, segundo Meneghetti (2005, p.215), pois o “psicoterapeuta é uma pessoa que escolheu não somente viver bem, mas provocar e criar o bem. Para fazer isso, deve continuamente rever e autocorrigir a própria posição em avanço contínuo, segundo as circunstâncias que a norma do cotidiano dá e condiciona.

A partir dessa escolha, inicia-se o percurso de autoconhecimento [saber a si mesmo] e “autocorreção” a partir de um contínuo *training* de autenticação e de estudos constantes. Os relatos reforçam a relevância do método ontopsicológico, seja pelos avanços para seu próprio desenvolvimento, seja para o aprimoramento de sua técnica.

Levando em consideração o referencial teórico frente a tudo o que foi expresso pelas pessoas entrevistadas, pode-se inferir que existe uma correlação direta entre a autenticação do terapeuta e a excelência no atendimento de consultoria para o cliente. Por meio do método, o terapeuta tem a possibilidade de "revelar a existência" do cliente de maneira exata a partir do exato uso de seu único instrumento de verificação: sua "existência organísmica".

5 Referências bibliográficas

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 5.ed. São Paulo, Martins Fontes, 2007.

ACCORSI, A. **Psicoterapia Ontopsicológica:** a formação do ontoterapeuta. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/22495/2/%C3%82ngelo%20Accorsi.pdf>. Acessado em: 26 fev. 2022.

BACCEGA, M. A. **O estereótipo e as diversidades**. Comunicação & Educação, São Paulo, V1, N31, p. 7-14, set./dez. 1998.

MASLOW, A. **Toward a Psychology of Being**. English Edition eBook Kindle. Start Publishing LLC, 2012.

MENEGHETTI, A. **O Residence Ontopsicológico**. 3. Ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2005.

MENEGHETTI, A. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica, 2010.

MENEGHETTI, A. **O Projeto homem**. 3. Ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2011.

MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontosicologia**. 2. Ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

MENEGHETTI, A. **O Em Si do homem.** 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editora, 2015.

MENEGHETTI, A. **Antonio Meneghetti sobre...** Jovens e realidade cotidiana. Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2017.

MENEGHETTI, A. **Manual de Melolística**. 2. Ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2018.

VIDOR, A. **Fenomenologia e Ontopsicologia:** de Husserl a Meneghetti. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.